

# “LACRIMAE/Dans une larme ; un reflet”

ENSEMBLE JOSEPH HEL

Conception/texte Cédric LEBONNOIS

“*LACRIMAE/Numa lágrima; um reflexo*” é um espetáculo transdisciplinar cujo objeto é a origem das lágrimas.

Músicas barrocas, criações contemporâneas, vídeos e textos poéticos servem de orientação neste projeto onde se encontram reunidas todas as lágrimas: das tristezas redentoras às lágrimas de alegria.

Esta criação assenta na disposição de diferentes formas artísticas. No centro: a sonata para piano e viola de Benjamin Britten “*Lachrymae*”. Esta peça estrutura o projeto ao constituir a tela em torno da qual se dispõem todas as outras peças. Interagem os elementos então para formar um conjunto orgânico, poético e vivo.

Vão ouvir as melodias barrocas inglesas de John Dowland de que Benjamin Britten se serviu na sua composição, peças barrocas de Monsieur de Sainte Colombe, vão descobrir, de sobremaneira, a “*Suite instrumentale pour ensembles variés*” de Clovis Labarrière, composta especialmente para este projeto.

Há em cena um conjunto instrumental duplo: um contínuo barroco e uma formação sonata moderna. Há também no palco uma instalação cenográfica com duas criações plásticas: “*L'attrape-larmes*” e “*La larme originelle*”. Por último, o conjunto acolhe uma narradora, NORIG, que interpreta os meus textos. Este projeto foi concebido tanto como um concerto como uma “instalação” que interroga sobre esse fenómeno próprio à nossa humanidade, as lágrimas emocionais.

Todos os mamíferos choram: para hidratar a córnea. Muitos deles demonstram as suas emoções ou dão provas de empatia. Mas só o homem chora em reação direta a uma emoção. Só o género Homo desenvolveu, ao longo da sua evolução, um mecanismo de defesa que o protege, garantindo-lhe o bom funcionamento da sua atividade cerebral perante acontecimentos emocionais especialmente intensos.

Nada melhor do que a música e a poesia para refletir sobre esse aspeto da nossa condição humana: sobretudo na hipótese desse dom das lágrimas vir a desaparecer nas nossas crianças.

O que seria então duma humanidade que deixou de chorar? Este projeto leva-nos então também a uma reflexão mais global.

# LACRIMAE/

Dans une larme ; un reflet

ENSEMBLE JOSEPH HEL

Création transdisciplinaire 2020

## TEXTE

Cédric LEBONNOIS

Cartilha: tradução do texto em português pela Sra.  
Beatriz Albuquerque-Loiseau

# LACRIMAE/Dans une larme ; un reflet

ENSEMBLE JOSEPH HEL  
Création transdisciplinaire 2020  
Texte de Cédric LEBONNOIS

## INTRODUCTION

### TEXTE PROJETÉ

*:::: Juin 1921 :::: Site de La Ferrassie ::::  
Dordogne :::: Sépulture N°6 ::::*

*On découvre le squelette d'un enfant de trois ans,  
les membres légèrement repliés sur eux-mêmes.  
Les pieds pointent vers le couchant et la tête,  
détachée, s'élançe un peu plus loin vers le sud.*

*C'est le corps d'un petit néandertalien qui est  
étendu là depuis au moins 60.000 ans dans une  
tombe protégée par une pierre taillée :*

*C'est un bloc de calcaire sur lequel ont été  
obtenues, par piquetage répétitif, 20 petites  
coupes.*

*La pierre a été positionnée de façon à ce que la  
face ainsi décorée soit orientée vers la dépouille  
de l'enfant.*

*:::: Junho de 1921 :::: Sítio de La  
Ferrassie :::: Dordonha ::::  
Sepultura N°6 ::::  
Descobre-se o esqueleto duma criança  
de três anos, com os membros  
ligeiramente dobrados.  
Os pés apontam para o poente e a  
cabeça, destacada um pouco adiante,  
está virada para o sul.  
É o corpo dum pequeno Neandertal,  
ali deitado há pelo menos  
60 000 anos, num túmulo protegido  
por uma pedra talhada:  
É um bloco de calcário em que se  
observam 20 pequenos cortes,  
realizados por piquetagem.  
A pedra foi colocada de maneira a  
orientar a face assim decorada em  
direção do corpo da criança.*

## SCÈNE 1

LA CHAMANE

« *La nuit* »

J'ai entendu la nuit s'engouffrer dans leurs yeux  
Et tarir le chemin des pleurs et des plaisirs.  
Il faut sauver les Hommes  
Retourner à la source, à l'origine des larmes  
Remonter les chagrins, franchir les tragédies  
surmonter les phobies et purger les destins.

Tu retrouveras le lit des rivières lacrymales  
Tu réconcilieras l'humain et l'animal.  
Et tu récolteras  
Pour nous  
Quelques gouttes précieuses  
De ces âcres liqueurs.

Dans cette quête de la larme originelle  
Tu supporteras l'exhalaison des âmes  
Tu charrieras les cadavres infâmes des  
souvenirs enfouis.  
Il te faudra exhumer les tristesses oubliées  
Écumer toutes les douleurs asséchées des  
amantes fétides  
Gravir les versants arides des fautes sublimées  
Et vaincre finalement le sommet  
des glorieuses misères du passé décharné.

“*A noite*”

Ouvi a noite infiltrar-se nos seus  
olhos  
E estancar o caminho dos seus  
choros e prazeres.  
Há que salvar os homens  
Voltar à nascente, à origem das  
lágrimas.  
Remontar as tristezas, ultrapassar as  
tragédias  
vencer as fobias e expurgar os  
destinos.  
Voltarás a encontrar o leito dos rios  
lacrimais  
Reconciliarás o homem e o animal.

E colherás  
Para nós  
Algumas gotas preciosas  
Destes licores amargos.  
Nesta busca da lágrima original  
Suportarás a exalação das almas  
Arrastarás os cadáveres infames das  
memórias enterradas.  
Terás de exumar as tristezas  
esquecidas  
Escumar todas as dores ressequidas  
das amantes fétidas  
Escalar as encostas áridas dos erros  
sublimados  
E, por fim conquistar o cume das  
gloriosas misérias do passado  
descarnado.

« *Les chemins* »

Tu devras suivre deux chemins.  
L'un te conduira vers la raison.  
L'autre vers l'émoi.  
Non, tu n'auras pas à choisir.  
Ne t'inquiète pas.  
Tu n'auras pas à faire de choix.  
Sois sans crainte.  
Ces voies ne s'opposent pas.  
Elles sont deux branches d'un même arbre  
généreux.  
Elles sont deux possibilités dans un même  
buissonnement d'où s'étendent des  
milliers de rameaux.  
De la raison, les sciences cognitives.  
Tu navigueras sur des aires cérébrales.  
Tu relieras des connexions neuronales.  
Des émotions, les mystères des relations  
humaines.  
Tu dévoileras les passions amoureuses.  
Tu entreras dans l'intimité des naissances et  
des deuils.  
Chaque branche te mènera vers une autre.  
Quel que soit le chemin que tu auras pris.  
D'une autre à une autre, encore et encore.  
Tu verras qu'elles se croisent.  
Qu'elles se connectent.  
Qu'elles se soutiennent.  
Tu saisiras qu'elles sont interfécondes.  
Tu inventeras alors  
La première larme de l'humanité  
La seule capable de faire pousser  
dans la terre la plus pauvre  
les passions les plus vaines.  
La seule indispensable pour soulager la soif  
Ce doux plaisir amer  
De l'aventure humaine.

“*Os caminhos*”

Terás de seguir dois caminhos  
Um levar-te-á à razão.  
O outro à emoção.  
Não, não terás de escolher.  
Não te preocupes.  
Não terás de optar.  
Não tenhas receio.  
Esses caminhos não se opõem.  
São dois ramos da mesma árvore  
generosa.  
Duas possibilidades numa só  
ramagem donde se estendem  
milhares de galhos.  
Da razão, as ciências cognitivas.  
Navegarás em áreas cerebrais.  
Ligarás conexões neurais.  
Das emoções, os mistérios das  
relações humanas.  
Desvendarás as paixões amorosas.  
Entrarás na intimidade dos  
nascimentos e dos lutos.  
Cada ramo te conduzirá a outro.  
Seja qual for o caminho tomado.  
De um a outro, repetidamente.  
Verás que eles se cruzam.  
Que se conectam.  
Que se apoiam.  
Perceberás que são interférteis.  
Inventarás então  
A primeira lágrima da humanidade  
A única capaz de cultivar  
na mais pobre das terras  
as mais vãs das paixões.  
A única indispensável para saciar a  
sede.  
Esse suave prazer amargo  
Da aventura humana.

« *L'anniversaire* »

ELLE

C'est son anniversaire.

Aujourd'hui.

Je le sais. Je l'ai vu sur mon visage dans le miroir ce matin.

Ça coulait, doucement, sans interruption.

C'est doux et chaud. Plutôt tièdes. Et salées.

Oui, salées. Je le sais. Je les ai souvent goûtées quand elles arrivent là, en fin de course, à la commissure des lèvres. Ce qui est fascinant, c'est qu'en fonction de la situation qui les a provoquées, des souvenirs qu'elles contiennent, des émotions qui les ont nourris, leur goût varie. Leur arôme est assujetti aux fluctuations mentales. Elles ont ainsi pour saveur la qualité des émotions de cet instant fugace qui les a vues surgir. Ce matin ? Coquillages. Coquillages. Elles ont le goût d'une coquille qui garderait cachés les couleurs d'un matin douloureux. Une coquille qui viendrait de loin s'échouer sur le temps. Et si on écoute bien, on entend le nom d'ou elle vient.

*"O aniversário"*

São os anos dela.

Hoje.

Sei disso. Vi-o no meu rosto ao espelho esta manhã.

Corriam, devagar, ininterruptamente.

É algo suave e quente. São mornas. E salgadas. Sim, salgadas. Bem o sei. Provei-as muitas vezes quando chegam aqui, no fim do percurso, ao canto da boca.

O que é fascinante, é que consoante a situação que as provocou, das lembranças que contêm, das emoções que as alimentaram, o seu sabor varia.

O seu aroma depene das flutuações mentais.

Têm assim, o sabor da qualidade das emoções desse instante fugaz que as viu surgir. Esta manhã? Conchas. Conchas.

Sabem a uma concha que conservaria escondidas as cores de uma manhã dolorosa.

Uma concha vinda de longe para se encaixar no tempo. E se escutarmos bem, ouvimos o nome donde ela vem.

« *Skhul1* »

ELLE

Skhul 1. Un enfant de trois ans en position accroupie, entouré de coquillages. Il est là depuis plus de cent dix mille ans.

Qafzeh 11 ; un adolescent déposé sur le dos, les membres supérieurs fléchis, et Qafzeh 15, un enfant de huit ans. C'est au sud de Nazareth ; ils reposent ici depuis quatre vingt dix mille ans.

Roc de Marsal, La Ferrassie, Le Moustier, Mezmaiskaya, Mugharet el Kebara, Amud, Dederiyeh.

À Dederiyeh 1, c'est un enfant de deux ans avec les membres supérieurs étendus de part et d'autre du corps. Quelqu'un a déposé sur son torse un éclat rocheux triangulaire. Un petit caillou délicatement posé à la place du cœur. Quelqu'un a déposé un cœur de pierre pour le faire vivre ailleurs il y a soixante mille ans.

Sungir, en Russie. Shanidar, au Kurdistan. Krems-Wachtberg, en Autriche. Lagar Velho, au Portugal. Kiirk-Koba, en Crimée. Grimaldi, en Italie.

Des racloirs, des Nassarius, des bois de cervidés, des plaquettes de calcaire, des cornes de bouquetins, des omoplates de mammoth pour protéger des nouveau-nés, des maxillaires de cerf, des perles d'ivoire, des milliers de perles d'ivoire, des dents de renards polaires, des poignards en silex, des pierres à cupules, des lits d'ocre et des couronnes de fleurs. Autant d'offrandes pour aimer encore nos enfants.

Et partout, on chante. On chante. On chante. Ces traces-là sont invisibles. Mais moi, je les entends. J'les entends les chants, les flûtes et les tambours. J'les entends.

Et partout on danse. Les danses. Le feu. La danse autour du feu. La danse au son du chant autour d'un feu. La chaleur du feu. La chaleur d'un groupe humain qui danse. On chante alors pour effrayer la peur. On danse pour faire fuir la mort. On chante la joie. On danse la mort et on chante la vie. On chante la mort et on danse la vie.

“*Skhul 1*”

Skhul 1. Uma criança de três anos agachada, rodeada por conchas. Está ali no local há mais de cem mil anos.

Qafzeh 11; um adolescente deitado de barriga para cima com os membros superiores dobrados e Qafzeh 15, uma criança de oito anos.

Fica a sul de Nazaré. Aqui jazem há noventa mil anos.

Roc de Marsal, La Ferrassie, Le Moustier, Mezmaiskaya, Mugharet el Kebara, Amud, Dederiyeh.

Em Dederiyeh 1, trata-se duma criança de dois anos com os membros superiores estendidos ao longo do corpo.

Alguém colocou no seu peito um fragmento de pedra triangular. Um pequeno seixo delicadamente posto no lugar do coração.

Alguém colocou um coração de pedra para o fazer viver noutra lugar há sessenta mil anos.

Sungir, na Rússia. Shanidar, no Curdistão. Krems-Wachtberg, na Áustria. Lagar Velho, em Portugal.

Kiirk-Koba, na Crimeia. Grimaldi, na Itália. Raspadores, conchas da espécie Nassarius, chifres de cervídeos, plaquetas de calcário, cornos de íbex, omoplatas de mamute para proteger recém-nascidos, maxilas de veado, contas de marfim, milhares de contas de marfim, dentes de raposas-polares, punhais de sílex, petróglifos, camas de ocre e coroas de flores. Tantas oferendas para continuar a amar as nossas crianças.

E em todo lado, canta-se. Canta-se. Canta-se. Essas marcas são invisíveis.

Mas eu ouço-as.

Ouçó os cantos, as flautas e os tambores.

Ouçó-os.

E em todo lado dança-se.

As danças.

O fogo

A dança à volta da fogueira.

A dança ao som do canto à volta duma fogueira.

O calor do fogo. O calor dum grupo humano a dançar. Canta-se então para assustar o medo.

Dança-se para afastar a morte. Canta-se a alegria.

Dança-se a morte e canta-se a vida.

Canta-se a morte e dança-se a vida.



« *Le cerf* »

ELLE

Le brame du cerf ça vous ouvre le cœur.

Quand on l'entend, ça provoque une réaction tellement forte que le cerveau doit réagir pour ne pas se consumer, et fondre totalement à cause de l'émotion.

Il faut à la fois se défendre et se laisser emporter.

On fait comme à l'usine, on soulage les circuits pour faire baisser la température. On lance l'alerte. Il faut refroidir la machine et sauver l'engin quand il est encore temps. Ensuite, si tout s'est bien passé, une fois que le cerveau est mis hors de danger, un liquide s'échappe du corps. C'est le résidu de l'opération de sauvetage : la trace de la purge mise en œuvre pour préserver l'esprit assailli. Cette trace est un fluide d'usinage aqueux. Un liquide qui contient tous les déchets dangereux évacués. Un peu comme de l'urine.

Oui, on peut dire ça. On peut dire que c'est l'urine de l'âme. Tous les déchets de l'esprit sont concentrés dans ce liquide étrange. On pisse de l'esprit bouillant.

Cette pisserie elle a ce soir un goût de gibier.

“*O veado*”

O bramido do veado fende o coração.

Quando o ouvimos, provoca uma reação tão forte que o cérebro tem de reagir para não se consumir e derreter completamente com a emoção.

Há que se defender e ao mesmo tempo deixar-se levar.

Faz-se como numa fábrica, aliviam-se os circuitos para fazer baixar a temperatura.

Dá-se o sinal de alerta.

É preciso arrefecer a máquina para poder salvá-la enquanto ainda há tempo. Depois, se tudo deu certo, quando o cérebro já está fora de perigo, um líquido escorre do corpo.

É o resíduo da operação de resgate: o rasto da purga efetuada para preservar o espírito agredido.

Essa marca é um fluído de usinagem aquoso. Um líquido que contém todos os dejetos evacuados.

Como se se tratasse de urina.

Sim, pode-se dizer isso. Pode-se dizer que é a urina da alma. Todos os dejetos estão concentrados nesse líquido estranho.

Mijamos espírito em ebulição.

Esta noite, esse mijo sabe a caça.

ELLE

L'esprit surpris  
Le corps ébloui  
Pas le temps de réagir  
Pris sur le vif  
Trop tard  
Trop lent  
Urgence  
Système HS  
Système D  
Vite  
Rire  
Pleurer

Avec les larmes, on retrouve le même procédé qu'avec un éclat de rire : cette même énergie compulsive et incontrôlable. Seulement, avec elles, on passe directement de l'esprit à la matière : elles nous révèlent que l'âme est en expansion, qu'elle est sensible aux fluctuations émotionnelles. Le surplus de la phase expansive est alors transformé, liquéfié : c'est la sublimation renversée.

Ris aux éclats  
Tu finiras par pleurer.  
Pleure maintenant  
Tu finiras par rire.

O espírito surpreendido  
O corpo deslumbrado  
Não há tempo para reagir  
Apanhado em flagrante  
Tarde demais  
Demasiado lento  
Emergência  
Sistema fora de serviço  
Desenrascanço  
Rápido  
Rir  
Chorar  
9

Com as lágrimas é o mesmo processo que com as gargalhadas: a mesma energia compulsiva e incontrolável. Só que com elas, passa-se diretamente do espírito à matéria: elas revelam que a alma está em expansão, que é sensível às flutuações emocionais. O excedente da fase expansiva transforma-se então, liquefaz-se: é o inverso da sublimação.  
Ri às gargalhadas  
Acabarás por chorar.  
Chora agora  
Acabarás por rir.

« Stop »

LUI

Stop

Arrête

Arrête

Arrête

T'es en train de fondre dans tes larmes. Tu dégoulines. Tu transpires du chagrin. T'es plus qu'une larme dans laquelle ta vie se reflète sèchement.

Tu veux que je te raconte, moi, ce que c'est que de pleurer ? Tu veux vraiment savoir d'où elles viennent les larmes ? Tu veux qu'j'te parle de ces gens qui défilent dans mon bureau ? Avec leurs perruques minables, mal gaulées. Tu veux savoir à quoi ça ressemble un mec qui chiale le matin dans un local sordide ? C'est pas beau. C'est pas de la poésie. Pas de charme. Pas de théâtre. Ça renifle, ça morve, ça supplie. Et toi tu fais ton travail. C'est quoi, toi, ton travail ? Hein ? Alors me fais pas la morale, me fais pas la leçon ; sur la perception des différents niveaux de réalité, sur l'état transitoire qui se révèle quand la potentialisation se met à chevaucher l'actualisation. Me fais pas chier avec tes larmes transdisciplinaires et sauvages. Moi je les essuie toute la journée. Et j'dois les laisser, quoi qu'il arrive, finir de s'écouler lamentablement de l'autre côté de la porte. Et j'ai pas le droit, moi, de pleurer. Et puis j'peux t'dire que ça changera rien. Que rien n'sera purgé. Et la componction ne guérira jamais une sclérose en plaque de merde. Alors, vas-y. Sans moi. Délivre-toi toi-même.

“Stop”

Stop

Pára

Pára

Pára

Estás a desfazer-te nas tuas lágrimas. Estás a escorrer. Transpiras tristeza.

Não és mais do que a lágrima em que a tua vida se reflete secamente.

Queres que te explique o que é chorar? Queres mesmo saber donde vêm as lágrimas?

Queres que te fale dessas pessoas que desfilam no meu escritório?

Com as suas perucas miseráveis, mal feitas.

Queres saber a que se assemelha um tipo que chora de manhã num local sórdido?

Não é bonito. Não é poesia. Não tem encanto.

Não é teatro.

Funga, expele muco, suplica. E tu fazes o teu trabalho. Qual é o teu trabalho? Hã?

Então não me venhas com sermões, não me dêes lições, sobre a perceção dos diferentes níveis de realidade, sobre o estado transitório que se revela quando a potencialização começa a sobrepor-se à atualização.

Não me chateies com as tuas lágrimas transdisciplinares e selvagens.

Eu limpo as minhas o dia inteiro.

E, aconteça o que acontecer, tenho de as deixar acabar de escorrer miseravelmente do outro lado da porta.

E, eu, não tenho o direito de chorar.

E posso dizer-te que isso não mudará nada.

Que nada será purgado.

E que a compunção nunca curará uma merda duma esclerose múltipla.

Então vai. Sem mim. Liberta-te a ti próprio.

## SCÈNE 2

« *Une tragédie* »

LA CHAMANE

Il a mangé son fils. C'est arrivé ; c'est le destin entre ses mains. L'enfant s'est égaré ; seul face à la bête ; un jour proche du printemps, quand les entrailles de la terre reviennent aux peuples, quand les ours s'éveillent et que le lion rugit.

L'enfant est brisé ; l'ours est oublié ; il est aveugle ; il est pardonné ; c'est l'animal de l'ombre ; c'est l'animal des ombres ; des ombres effrayantes et soumises : à la grotte, à la roche, à la caverne monde : souterraine, obscure et charnelle. Le père a hurlé et le clan a hurlé et les femmes ont dansé et moi je ris et moi je chante et le père a pleuré sur l'enfant décharné, sur le corps abîmé.

Il a mangé son fils : lui, l'Homme, le père ; il a mâché la chair de sa chair, un peu, pour garder un peu de lui en lui, pour être l'autre. Le corps dans son corps. Le sang dans son sang. L'esprit témoin et vivant. Et la caverne a englouti les mots : on ne parle plus pour les morts.

*Uma tragédia*

Ele comeu o seu filho. Aconteceu, é o destino nas suas mãos.

A criança perdeu-se, sozinho frente à fera; um dia perto da primavera, quando as entranhas da terra retornam aos povos, quando os ursos despertam e que o leão ruge.

A criança está destroçada; esquece-se o urso, é cego; está perdoado;

é o animal da sombra, o animal das sombras, das sombras assustadoras e submissas: à gruta, à rocha, à caverna mundo: subterrânea, escura e carnal.

O pai gritou e o clã gritou e as mulheres dançaram e eu rio e eu canto e o pai chorou sobre a criança descarnada, sobre o corpo ferido.

Ele comeu o seu filho: ele, o Homem, o pai; mastigou a carne da sua carne, um pouco, para guardar um pouco dele dentro de si, para ser o outro.

O corpo no seu corpo. O sangue no seu sangue.

O espírito testemunha e vivo.

E a caverna engoliu as palavras: já não se fala por respeito pelos mortos.

« Pourquoi »

ELLE

Pourquoi coulent-elles des yeux ?

C'est vrai, quand on y pense. Pourquoi coulent-elles des yeux ? Pourquoi pas d'ailleurs ? Pourquoi par ce canal ?

Pourquoi par là ?

Est-ce que c'était la seule option possible quand le cerveau de l'Homme s'est mis à se développer follement ? N'y avait-il alors que les glandes lacrymales de disponibles ? Elles sont pourtant, celles-là, plutôt faites pour hydrater la cornée. Elles ont été conçues pour ça. Pas pour autre chose.

J'imagine qu'un jour ça a dû être tellement violent dans la tête. Dans tout le corps, même. Qu'on a dû s'adapter. Trouver rapidement une solution à la surchauffe émotionnelle.

Les glandes lacrymales. Quelle bonne idée. Elles devaient être disponible à cet instant-là. Bien lovées, au chaud entre les paupières et les globes oculaires. Comme un enfant qui s'incruste la nuit entre deux parents endormis. Bon, à priori il a fallu trouver une solution en urgence. Une solution technique pour parer à un phénomène sensible. Ce sont elles qui ont été élues. C'est une adaptation opportuniste : on utilise un truc pour quelque chose alors qu'initialement ça n'était pas du tout prévu pour cela. Imaginez que furent alors réquisitionnées les glandes sudoripares. Les glandes de la transpiration. La transpiration ça sert bien à refroidir le corps ? Alors ? Ça aurait pu servir à refroidir l'esprit.

La transpiration est bien plus adaptée, quand on y pense. Elle s'y connaît, questions de surchauffe. Non ? Alors ? Pourquoi pas la sueur pour évacuer les sécrétions de notre esprit sensible ?

Bon, il faut avouer que les yeux ce n'est pas si mal, parce que ça se voit. Ça se voit et ça ne passe pas inaperçu. Alors, comme ça, comme c'est bien visible par les autres, ça envoie un message. Un message clair, qui communique clairement.

En plus, c'est contagieux. Ça prouve bien son efficacité.

Et puis c'est beau.

C'est beau de voir apparaître au bord des yeux ces épanchements cristallins. C'est beau de les voir timidement couler sans élan, passives, le long de l'os propre du nez ; s'arrêter un instant sur les joues et s'égarer plus bas. C'est donc,

aussi, une question d'esthétique. La beauté soulage un peu de la violence subie. Alors on écoute avec compassion et on regarde. On ne pense plus à rien. On se laisse aller. On soupire. Et on arrête de réfléchir. Il faut oublier de penser quand on plonge dans le regard vertigineux d'un chagrin et accepter de se laisser emporter par les rivières lacrymales.

*“Porquê”*

Porque caem dos olhos?  
É verdade, se pensarmos bem.  
Porque caem dos olhos?  
Porque não doutro sítio?  
Porquê por esse canal?  
Porquê por aí?  
Era a única opção possível quando o cérebro humano se começou a desenvolver excessivamente?  
Só havia então as glândulas lacrimais? Eram as únicas disponíveis?  
Elas servem, sobretudo para hidratar a córnea.  
Foram concebidas para esse fim. Não para outra coisa.  
Imagino que um dia deve ter sido tão violento dentro da cabeça.  
Dentro do corpo inteiro até.  
Foi preciso adaptar-se.  
Arranjar rapidamente uma solução ao sobreaquecimento emocional.  
As glândulas lacrimais.  
Que ótima ideia.  
Deviam estar disponíveis naquele momento.  
Bem abrigadas, quentinhas entre as pálpebras e os globos oculares.  
Como uma criança que se enfia à noite entre os pais adormecidos.  
Bem, na realidade foi necessário arranjar uma solução de emergência.  
Uma solução técnica para lidar com um fenómeno sensível.  
Elas é que foram eleitas.  
É uma adaptação oportunista:  
utiliza-se algo para alguma coisa quando inicialmente não estava previsto para tal.  
Imagine se tivessem sido as glândulas sudoríparas as requisitadas. As glândulas da transpiração.  
A transpiração serve para arrefecer o corpo?  
Então? Podia ter servido para arrefecer o espírito.  
A transpiração é bem mais adequada, se pensarmos bem.  
Percebe dessas questões de sobreaquecimento.  
Não é? Então? Porque não o suor para evacuar as secreções do nosso espírito sensível?  
Bem, há que admitir que os olhos não são uma má escolha, porque se vê.  
Vê-se e dá-se conta.  
Assim, dessa forma, é algo visível pelos outros, envia uma mensagem.  
Uma mensagem clara, que comunica claramente.  
Ainda por cima, é contagioso. O que prova a sua

eficiência.

E além disso, é bonito.  
É lindo quando aparecem à beira dos olhos esses escoamentos cristalinos.  
É bonito vê-las correr timidamente sem balanço, passivas, ao longo do osso próprio do nariz; parar um instante nas bochechas e perder-se mais abaixo.  
É também, uma questão estética.  
A beleza alivia um pouco a violência sofrida.  
Escutamos então com compaixão e observamos.  
Não pensamos em mais nada. Deixamo-nos ir.  
Suspiramos. E paramos de refletir.  
Há que esquecer de pensar quando mergulhamos no olhar vertiginoso dum desgosto e deixar-nos levar pelos rios lacrimais.

« Ocre »

LA CHAMANE

De l'ocre.

De l'ocre rouge.

De l'ocre rouge répandue.

De l'ocre rouge répandue sur ton corps.

De l'ocre rouge répandue sur ton corps enseveli.

Sur ton corps étendu.

Ton corps étendu.

Ton corps.

Ton corps absorbera la poudre d'ocre rouge. De l'ocre rouge déposée sur ta chair pour te couvrir de temps. De la poussière d'ocre rouge parsemée sur ta peau pour dire des mots à la terre. Pour dire des mots. De la poudre d'ocre rouge mélangée à la terre pour transmettre un message. De la poussière pour parler. De la poussière à la poussière. De l'ocre à la terre. De la terre à ta chair. Ta chair couleur de sang. Du sang apparu dans la roche. Gratter, racler, et faire pénétrer l'eau dans la poussière. De la poudre à la matière. De la matière pour parler. Pour dire la mort. Mes larmes dans l'ocre rouge pour s'affranchir du vent qui soufflera ta tombe. Ton corps recouvert d'ocre rouge déposé dans le sol pour passer un message. Pour parler à la vie. Pour caresser la vie et faire rougir la terre. Pour dire la vie et faire taire cette voix qui m'assourdit qui me parle à moi dans la nuit dans le jour dans l'ennui toujours quand je cours quand je chasse quand je ris quand je souffre quand je te regarde quand je t'embrasse quand je te nourris quand je t'enlace cette voix qui me parle en moi sans cesse et qui disparaît enfin quand je pleure ce matin quand je caresse ton corps avec de l'ocre rouge.

De l'ocre rouge sur ton corps endormi.

Je comprends.

Je parlerai au temps.

Je tremperai ma main dans le mélange obscur.

J'apposerai mes mains sur les parois du monde.

Le silence enfin.

Je pleure dans l'ocre rouge et je vais naître humain.

"Ocre"

Ocre.

Ocre vermelho.

Ocre vermelho espalhado.

Ocre vermelho espalhado no teu corpo.

Ocre vermelho espalhado no teu corpo enterrado.

No teu corpo estendido.

O teu corpo estendido.

O teu corpo.

O teu corpo absorverá o pó de ocre vermelho.

Ocre vermelho colocado sobre a tua carne para te cobrir de tempo.

Pó de ocre vermelho espalhado sobre a tua pele para dizer palavras à terra. Para dizer palavras.

Pó de ocre vermelho misturado com terra para transmitir uma mensagem. Pó para falar.

Do pó ao pó. Do ocre à terra. Da terra à tua carne.

A tua carne cor de sangue.

Sangue que apareceu na rocha. Raspar e rapar e deixar a água penetrar no pó.

Do pó à matéria. Matéria para falar. Para dizer a morte. As minhas lágrimas no ocre vermelho para se libertar do vento que soprará o teu túmulo.

O teu corpo coberto de ocre vermelho colocado na terra para transmitir uma mensagem.

Para falar com a vida. Para acariciar a vida e fazer corar a terra.

Para dizer a vida e mandar calar essa voz que me ensurdece, que fala comigo durante a noite durante o dia sempre com tédio

quando corro quando caço quando rio quando sofro quando olho para ti quando te beijo

quando te alimento quando te abraço essa voz que fala dentro de mim constantemente e que

por fim desaparece

quando choro esta manhã quando acaricio o teu corpo com ocre vermelho.

Ocre vermelho sobre o teu corpo adormecido.

Percebo.

Falarei com o tempo.

Mergulharei a minha mão na mistura obscura.

Posarei as minhas mãos nas paredes do mundo.

O silêncio enfim.

Choro no ocre vermelho e vou nascer humano.

## SCÈNE 3

« La voilà »

ELLE

Alors c'est ça. Tout simplement. Une petite mutation génétique. C'est une petite mutation qui est à l'origine des larmes. En gros, une mutation qui relie un recoin du cerveau aux yeux. Et Vas-y que j' te branche le réseau électrique aux canalisations secondaires. Et que j'te connecte, comme ça, pour voir, le transformateur principal au circuit hydraulique.

On verra bien. On ne sait jamais. Ça se tente. On croise quand même les doigts pour qu'à la première connexion le bazar ne nous claque pas entre les mains.

Fallait quand même oser ! Faire se rencontrer la plomberie et l'électricité.

Parce que cette infime mutation génétique n'est rien d'autre que cela. La première de l'humanité : une bidouille de bricoleur du dimanche. Le coup de génie d'un artisan du hasard. Ensuite, on attend. On voit si ça franchit le cap de la sélection naturelle, si cette mutation représente un quelconque intérêt pour la survie de l'espèce.

Y'a plus qu'à traverser quelques générations et cette innovation décroche la garantie de durer une bonne centaine de millier d'années.

Bon, par contre, il faut reconnaître une chose à laquelle personne n'aurait pu s'attendre. Qu'est-ce que ça bouffe comme énergie ! Faudra vraiment affiner le point de vue homéostatique de l'affaire, trouver une solution pour réguler l'ensemble et ne pas prendre le risque que cet Homme-là s'épuise au premier chagrin d'amour.

*"Aqui vai ela"*

Então é assim. Pura e simplesmente.

Uma pequena mutação genética.

É uma pequena mutação genética que deu origem às lágrimas.

Basicamente, uma mutação que liga um recanto do cérebro aos olhos.

E então liga-se a rede elétrica às canalizações secundárias.

E conecta-se, assim, só para ver como é, o transformador principal ao circuito hidráulico.

Logo se vê. Nunca se sabe. Há que tentar.

Mesmo assim cruzam-se os dedos para que à primeira conexão a coisa não vá por água abaixo.

Que ousadia!

Fazer com que as canalizações e a eletricidade se encontrassem.

Porque essa ínfima mutação genética não é mais do que isso.

A primeira da humanidade:

Um arranjo de biscateiro.

A ideia genial dum artesão do acaso.

Depois, espera-se.

Para ver se se ultrapassa a etapa da seleção natural, se essa mutação tem interesse para a sobrevivência da espécie. Só falta atravessar umas quantas gerações e a inovação consegue a garantia de durar uns cem mil anos.

Bem, no entanto, é preciso admitir uma coisa da qual ninguém estava à espera.

Gasta imensa energia!

Vai ser preciso aperfeiçoar o ponto de vista homeostático do caso, arranjar uma solução para regular o conjunto e não arriscar que esse Homem chegue à exaustão a primeira vez que lhe partirem o coração.



« Pleurez »

LA CHAMANE

L'âme est constituée de ce qui est en moi, d'une part intime, et de ce qui est en toi, d'une part universelle. J'ai en moi une part de ton âme. Tu as en toi une part de mon âme. C'est la part de l'âme universelle qui s'écoule et va rejoindre, par les larmes, celle, intime, qui repose au fond des tombeaux, qui se noie dans le cou des amants, qui s'évapore sur la joue des enfants. Les larmes sont ainsi les vaisseaux de cette part universelle de l'âme.

Alors pleurez

Pleurez

Pleurez

Car un matin s'éveilleront des enfants sans chagrin : des Hommes aux larmes sèches.

Hélas. Nos erreurs impossibles à purger auront depuis longtemps comblé ces doux sillons, ces sentiers, ces vallons que les larmes nocturnes ont creusés dans les joues, sur ces parois douceâtres, visages endormis. Nous ne

distinguerons qu'avec peine les traces des frayeurs sublimes : des concrétions anciennes ou des limons lactés.

*“Chorem”*

A alma é feita do que está em mim, duma parte íntima e do que está em ti, duma parte universal.

Tenho em mim uma parte da tua alma.

Tens em ti uma parte da minha alma.

É a parte da alma universal que corre e que, pelas lágrimas, vai ao encontro da parte íntima, que jaz no fundo dos túmulos, que se afoga nos pescoços dos amantes, que se evapora na bochecha das crianças.

As lágrimas são assim as embarcações dessa parte universal da alma.

Então chorem

Chorem

Chorem

Porque uma manhã as crianças não de acordar sem tristeza: Homens com lágrimas secas.

Infelizmente. Os nossos erros impossíveis de expurgar terão há muito tempo enchido esses suaves sulcos, esses caminhos, esses vales que as lágrimas noturnas cavaram nas faces, nessas paredes adocicadas, rostos adormecidos.

Distinguiremos com dificuldade as marcas dos temores sublimes:

concreções antigas ou sedimentos lácteos.

LA CHAMANE

Elle glisse vers la terre et se présente au sol en offrande : une semence nouvelle : une première larme. Et germera le fruit d'une autre humanité.

Ela escorrega em direção à terra e apresenta-se ao solo como oferenda: uma semente nova: uma primeira lágrima. E germinará o fruto de outra humanidade.